

OBSERVAÇÃO DO PROCESSAMENTO *ONLINE*: UMA DIREÇÃO NECESSÁRIA PARA O ESTUDO EXPERIMENTAL DA SINTAXE BILÍNGUE

Marisa Mendonça Carneiro¹

Ricardo Augusto de Souza²

marisaufmg@gmail.com

ricsouza@ufmg.br

RESUMO: Esse artigo tem como foco duas abordagens de elaboração de estudos experimentais em linguística, que têm como objetivo investigar o conhecimento da sintaxe de segunda língua em bilíngues. Especificamente, exploramos o papel significativo das tarefas de julgamento de aceitabilidade como base de experimentos nessa área, e comparamos e contrastamos alguns aspectos dessa tarefa com o paradigma de leitura auto-cadenciada. Enquanto o julgamento de gramaticalidade é geralmente aceito como medida de competência, a leitura auto-cadenciada é tida como investigação do processamento *online* da linguagem, ou seja, oferece uma medida de desempenho. Apresentamos uma breve discussão dos desafios de se fazer inferências sobre a competência subjacente dos bilíngues e usuários de segunda língua, sugerindo que a observação sistemática do desempenho é um passo metodológico fundamental para o estudo dessa população em particular. O ponto em questão é corroborado pelos resultados de estudos empíricos sobre a realização de morfossintaxe no inglês como segunda língua de falantes nativos de português brasileiro. Ao examinar como esses resultados vão ao encontro às teorizações sobre os limites da representação da sintaxe de segunda língua, nós defendemos a necessidade de que dados de desempenho complementem as medidas de competência mais tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo; julgamento de aceitabilidade; métodos *online*; morfologia flexional.

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais irrevogavelmente caracterizado por elevada mobilidade geográfica e por intenso intercâmbio transnacional de informações e bens diversos, as situações de contato linguístico parecem tornar-se cada vez mais centrais como contingência definidora da experiência linguística de parte bastante expressiva da população. Tal cenário na contemporaneidade tem motivado pesquisadores a propor que a compreensão da aquisição

¹ Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

² Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

de segunda língua (doravante L2) e do bilinguismo deve figurar em posição prioritária na agenda dos estudos linguísticos (cf. Myers-Scotton, 2002; Grosjean, 2008). Uma parte relevante de tal agenda é a caracterização da competência bilíngue no geral, e das representações sintáticas de L2 em particular.

Este artigo toma o estudo da sintaxe bilíngue e questões da metodologia experimental que dá suporte a esse estudo como objeto de reflexão. Especificamente, trataremos do escopo e dos limites que a tarefa de julgamento de gramaticalidade, método amplamente utilizado na investigação sobre o bilinguismo, que estabelece diálogo com a teoria da gramática. Igualmente, buscaremos examinar como o julgamento de gramaticalidade no estudo experimental de línguas não maternas pode ser suplementado. Nosso objetivo, portanto, é propor um ensaio sobre concepções metodológicas para o estudo psicolinguístico da competência e do desempenho de bilíngues. Este ensaio se assenta no cotejamento de resultados parciais de dois estudos experimentais conduzidos pela primeira autora, no contexto do grupo de pesquisa no qual se inserem ambos autores (Carneiro, 2008; Carneiro, 2011), assim como de estudos de outros pesquisadores (Bond *et al.* 2010; Sagarra e Herschensohn, 2011). Tal cotejamento terá como foco a problematização das metodologias experimentais empregadas, não os objetivos específicos de cada estudo citado.

A primeira parte do artigo aborda a natureza dos estudos sobre as representações bilíngues e o papel historicamente desempenhado pela tarefa de julgamento de gramaticalidade. Em seguida, tratamos de um problema específico que tem fomentado um debate intenso nessa área de estudos em anos recentes: a aquisição de morfologia de flexão em contexto de segunda língua. Passaremos, então, ao relato de aspectos metodológicos e de alguns resultados de pesquisa que visam a contribuir com esse debate, sendo enfatizado neste relato como resultados obtidos através de julgamentos de gramaticalidade podem ser suplementados por uma metodologia que tem por escopo o processamento *online*. Na conclusão do artigo, teceremos considerações sobre a complementaridade das abordagens metodológicas por nós discutidas para o estudo experimental da sintaxe de segunda língua.

1. JULGAMENTOS DE GRAMATICALIDADE E OS ESTUDOS SOBRE L2

Tal como apontado por White (2009), apesar do fato de que a teoria da gramática não trata diretamente do conhecimento de línguas não maternas, mas sim da competência do falante em sua língua nativa, ela oferece a possibilidade de que a competência não nativa seja caracterizada de modo análogo ao falante nativo. Essa possibilidade, tal como lembrado

pela autora, advém da proposição de que o conhecimento do falante de L2 constitui um sistema de interlíngua. A hipótese da interlíngua, formulada inauguralmente por Selinker (1972), propõe que a expressão em L2 é a manifestação de um sistema de conhecimento autônomo em relação ao sistema que dá suporte à L1. Tal como revisto em Souza e Carneiro (2009), essa hipótese fomenta um nicho relevante de pesquisa e teorização sobre L2 que se pauta precisamente pela busca de caracterização das representações mentais da interlíngua e na especificação de suas potenciais diferenciações ou semelhanças com a L1, ou seja, pela busca de verificação da hipótese da interlíngua e de seu refinamento.

Dentro de tal nicho de investigação empírica, questões de validade metodológica sempre se impuseram como de suma importância. Entendemos que essa preocupação resulta especialmente pelo fato de que, ao tratar da competência do usuário de L2³, essa vertente de pesquisa lida com um estado de representação mental usualmente conceptualizado como dinâmico e potencialmente em constante modificação. Lida-se, portanto, com um construto conceitualmente distinto do sistema hipotetizado como objeto da teorização gramatical, a competência em L1, que geralmente é tacitamente tomado como sistema estável de representações mentais, especialmente no quadro teórico de orientação formal. Ao passo que a estabilidade conceitualmente atribuída ao sistema de L1 pode ser vista como legitimadora de metodologias de obtenção de dados baseadas na introspecção de um único ou de muito poucos falantes, nos estudos de L2 abordagens empíricas e experimentais sempre foram prevalentes. Em outras palavras, tal como discutido na literatura da área (cf. Ellis, 1990; Ellis, 1994; Brown, 1996) a competência de L2 tem claramente sido um construto inferencial, erigido inegavelmente a partir de estratégias de observação de desempenho de falantes.

No estudo da competência bilíngue, o desenho de estudos experimentais envolvendo julgamentos de gramaticalidade é uma estratégia amplamente consagrada. Gass (2009), em revisão histórica das abordagens metodológicas da pesquisa em aquisição de L2 a partir de levantamento de publicação em quatro importantíssimos periódicos em língua inglesa da área, apresenta uma listagem das estratégias de observação empírica do desempenho dos usuários de L2 mais frequentes na literatura. São elas: tarefas de julgamento de gramaticalidade;

³ A expressão “usuário de L2”, descritiva do sujeito linguístico que é o alvo dos estudos sobre o bilinguismo e sobre a aquisição de L2, é defendida por Cook (2002). Nessa defesa do termo, o autor salienta que a expressão transcende o termo altamente usual “aprendiz”, uma vez que este último pode acarretar a imagem de um sujeito incompleto e anterior a uma meta ideal de aprendizagem. Além disso, o autor sugere que a expressão por ele proposta tem maior compatibilidade com a definição de “bilíngue” advogada por pesquisadores como Grosjean (2008), que recusa a associação do termo apenas a indivíduos cujas habilidades nas duas ou mais línguas por ele usadas é balanceada. Por julgarmos pertinentes ambas observações, em especial no tocante à presença da L2 por nós discutida neste trabalho (o inglês) em múltiplas atividades socioculturais, tais como a ciência e a indústria, a mídia de massas e o turismo, optamos pelo uso da expressão.

tarefas experimentais de produção; testagem de proficiência de habilidades linguísticas; inventários que cobrem tanto diferenças individuais quanto processos cognitivos; observação naturalística e entrevistas; bancos de dados e questionários. No período entre os anos de 2001 e 2006, o emprego de tarefas de julgamento de gramaticalidade configurou-se como o procedimento metodológico de eliciação de dados mais frequente em dois dos quatro periódicos revisados pela autora⁴.

Não obstante a grande difusão do julgamento de gramaticalidade como metodologia de obtenção de dados na pesquisa exploratória das representações linguísticas de bilíngues, a comunidade de pesquisa da área deve estar atenta ao caráter fortemente inferencial e teoricamente mediado desse tipo de observação. Tal como apontado por Bard, Robertson e Sorace (1996), não exclusivamente a respeito da pesquisa em L2, através de tarefas de julgamento não realizamos observação direta de estados mentais (a competência linguística) dos falantes, mas sim a observação de uma resposta comportamental (o julgamento), advinda da percepção (aceitabilidade) de um dado conjunto de estímulos (a gramaticalidade ou agramaticalidade das sentenças apresentadas). O julgamento em si é, portanto, uma resposta comportamental observada, que é mediada em relação à gramaticalidade ou agramaticalidade hipotetizada em relação aos dados linguísticos explorados, tal com representado na Figura 1, abaixo.

⁴ Os periódicos de língua inglesa que constituíram o corpus da revisão de Gass (2009) foram *Language Learning*, *Studies in Second Language Acquisition*, *Second Language Research* e *Applied Linguistics*. Artigos relatando estudos empíricos baseados em tarefas de julgamento de gramaticalidade foram prevalentes, durante os anos de 2001 e 2006, nos periódicos *Studies in Second Language Acquisition* e *Second Language Research*, com especial saliência no segundo, onde estudos que adotaram tal metodologia de eliciação de dados representaram mais de dois terços dos artigos publicados no período.

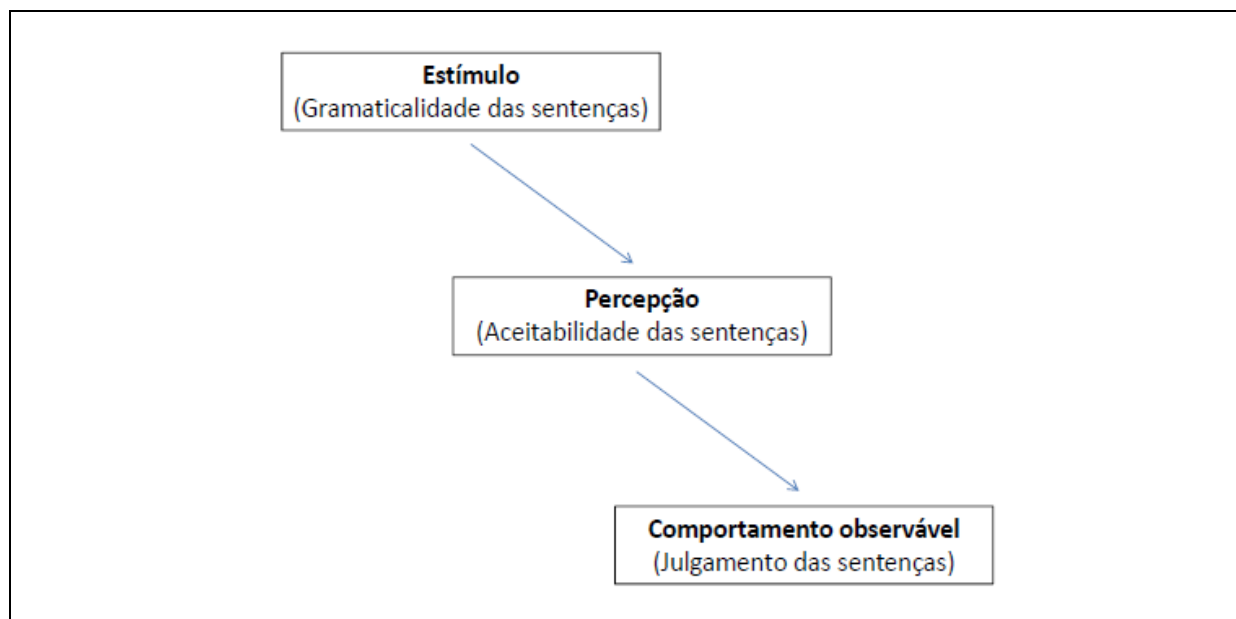


Figura 1: Relação mediada entre julgamentos de sentenças e sua gramaticalidade, a partir da discussão em Bard, Robertson e Sorace (1996).

A mediação pela percepção de aceitabilidade, que separa os dados linguísticos primários dos julgamentos observados, compilados e medidos pelo pesquisador, nos parece configurar-se como fator de forte criticidade no estudo experimental das representações sintáticas dos bilíngues. Há evidência sugestiva de que informações não unicamente advindas das representações estritamente sintáticas modulam o comportamento linguístico de usuários de L2. Por exemplo, em estudo sobre expressão sintática de sujeito marcado tematicamente com o papel de beneficiário, Vilela (2009) sugere que bilíngues cuja aquisição de L2 se deu mediante instrução formal possam modular sua percepção da aceitabilidade de construções possíveis na segunda língua a partir de informações advindas de descrições propostas em material didático, mesmo em circunstâncias nas quais tais descrições não encontram confirmação nos dados da língua alvo advindos de seus falantes monolíngues. Souza, Zara e Oliveira (2011), em tratamento do conhecimento de construções bi-transitivas por usuários do inglês como L2, falantes do português do Brasil como L1, ponderam que estruturas sintáticas pragmaticamente marcadas na L1 sejam inibidas como base da expressão de L2, mesmo para uma família de construções onde há forte evidência de influências translinguísticas entre L1 e L2.

Assim, vislumbramos um quadro no qual a base perceptual que sustenta o julgamento observado pode resultar da ativação de níveis de conhecimento não unicamente relacionados à competência gramatical do bilíngue. Nesta circunstância, o pesquisador pode defrontar-se com dados que não fomentam um modelo teórico plenamente adequado para os fatos que se

busca explicar. Uma saída possível para essa possível restrição da estratégia de observação experimental das representações sintáticas é sua suplementação com desenhos metodológicos que viabilizem observações em janelas temporais inferiores às aquelas instaladas na tarefa de julgamento de gramaticalidade. A seguir, apresentamos um problema investigado contemporaneamente na aquisição de L2 e exemplos de como a adoção de desenho metodológico da natureza ora proposta pode revelar observações importantes.

2. MORFOLOGIA FLEXIONAL E SUA REPRESENTAÇÃO NA COMPETÊNCIA EM L2

Segundo Selinker (1996), é de consenso geral que o desempenho linguístico de falantes de L2 é distinto de desempenho de um falante de L1. Poucos aprendizes adultos são capazes de chegar a um estágio no qual o seu desempenho na L2 é indistinguível do desempenho do falante nativo (Selinker, 1972). A aquisição de L2 frequentemente resulta em variabilidade inter e intra-aprendiz, especialmente no que diz respeito à produção morfofonológica (Lardiere, 2007). A determinação da fonte dessa variabilidade é de inegável importância para a pesquisa em aquisição de L2, uma vez que o seu principal objetivo é descrever e explicar o processo de aquisição.

Aprender morfologia flexional é geralmente problemático para aprendizes adultos de L2. Mesmo após terem alcançado altos níveis de proficiência na L2, a produção dos bilíngues ainda apresenta omissões e substituições de alomorfes (Larsen-Freeman, 2010). A variabilidade pode ser verificada no desempenho de um mesmo aprendiz, havendo ora produção, ora ausência de um dado morfe, como ilustrado no exemplo (1) (Carneiro, 2008, p. 83):

(1) *After she **wake** up, **take** a shower and **dress** up, she **takes** her breakfast, **take** her coat and **go** to.. the.. to her work.* – L1 português brasileiro.

A dificuldade dos bilíngues em aprender a morfologia flexional levou e ainda tem levado pesquisadores a estudar o que é necessário para processar essa morfologia, tendo por base a premissa de que problemas no processamento da flexão dificultam a sua aquisição (Larsen-Freeman, 2010). Estudar a aquisição e processamento de flexão é um processo relativamente fácil, e deu origem a uma série de estudos sobre aquisição de morfemas, como veremos a seguir.

A aquisição de morfologia flexional em L2 tem atraído a atenção de pesquisadores desde a década de 1970, com os estudos sobre ordem de aquisição de morfemas (Dulay e

Burt, 1974; Zobl e Liceras, 1994; Goldschneider e DeKeyser, 2005), nos quais o foco era observar o uso de marcadores morfológicos nas sentenças produzidas por aprendizes de diversas L1s. O objetivo era estabelecer uma ordem natural de aquisição de morfemas presos e livres⁵ na produção oral, que se assemelhava à ordem obtida na análise da produção. As inferências sobre a ordem de aquisição se baseavam em escores de acuidade; isto é, uso adequado em contextos obrigatórios. Conforme argumenta Larsen-Freeman (2010), utilizar suprimento de formas em contextos obrigatórios é um construto metodológico relativamente útil, na medida em que é de fácil observação, quando comparado a formas da língua cujo uso é menos previsível. Mais recentemente, Goldschneider e DeKeyser (2005) conduziram uma meta-análise dos estudos sobre ordem de aquisição de morfemas em L2 inglês por aprendizes adultos e crianças e identificaram o fator saliência como fator subjacente à ordem observada.

Apesar do esforço empreendido à época, muitas das questões acerca do uso de morfologia flexional ainda não foram respondidas. De fato, muitos dos trabalhos recentes sobre variação no uso de morfemas flexionais ainda discutem as causas para tal fenômeno. Uma edição completa do periódico *Language Learning* (v. 60, n. 1, 2010) e outra, do periódico *Lingua* (v. 118, 2008) abordam, respectivamente, a aquisição de morfologia flexional com foco no processamento, e a relação entre teoria linguística e aquisição de categorias funcionais/ morfologia de concordância na segunda língua. Pode-se perceber, também, uma mudança em relação à maneira como a variabilidade é investigada, que inicialmente era feita a partir de dados de julgamento de gramaticalidade ou produção, seguindo uma abordagem mais observacional, para uma abordagem experimental, com foco no processamento da morfologia de flexão.

Ao avaliar de maneira crítica os estudos sobre variabilidade em L2, Rothman (2007) aponta para inconsistências na interpretação dos resultados. Para este autor, utilizar apenas a produção de instâncias morfofonológicas não é suficiente para fazer afirmações sobre a competência em L2. A afirmação de que a variabilidade na produção morfológica é reflexo de um sistema igualmente variável, não constitui evidência empírica suficientemente rigorosa. Para tal, seria necessário evidência empírica adicional, relacionada a conhecimento sintático e semântico, para substanciar e corroborar tais afirmações. Dois exemplos que ilustram o ponto do autor são citados: (i) o estudo longitudinal de Lardiere (1998a,b), no qual uma falante chinesa, aprendiz de inglês, apresenta produção que revela conhecimento sintático e semântico apesar de produção morfológica variável; e (ii) a revisão de Slabakova (2006), que

⁵ Um exemplo de morfema preso na língua inglesa seria o *-s* do plural regular e um morfema livre seria a forma de primeira pessoa do singular do verbo *to be* – ‘am’.

mostrou que apesar do uso variável de morfologia verbal, os aprendizes são capazes de diferenciar os acarretamentos semânticos⁶ que diferentes tempos verbais expressam. Em outras palavras, o fato de os aprendizes demonstrarem conhecimento acerca dos acarretamentos semânticos é evidência de que adquiriram a sintaxe subjacente relativa a aspecto gramatical, apesar do uso inconsistente de morfologia verbal (Rothman, 2007).

Em suma, dados de produção morfológica não constituem evidência empírica suficiente para se fazer afirmações sobre o sistema linguístico subjacente, isto é, a competência em L2. A sugestão é que evidência adicional, originada a partir de propriedades sintáticas e semânticas relacionadas, poderia confirmar, empiricamente, as hipóteses iniciais ou até mesmo indicar direções para refinamentos metodológicos. Por exemplo, se a produção morfológica em L2 é reflexo de um sistema de conhecimento igualmente indeterminado e variável, então, as propriedades sintáticas e semânticas relacionadas devem também mostrar variação. De maneira semelhante, se a produção morfológica não apresenta variabilidade, então não deve haver variação nas propriedades sintáticas e semânticas associadas⁷. Um acarretamento direto dessa sugestão é que a distinção entre competência e desempenho torna-se indispensável.

Além da necessidade de se levar em conta aspectos semânticos relacionados à instanciação de aspectos sintáticos da interlíngua, é preciso, ainda, compreender como o bilingue utiliza o conhecimento linguístico para produzir e compreender linguagem, ou seja, como ele processa a L2. Muito tem sido discutido sobre o que diferencia a aquisição de L2 (e seu produto), da aquisição de L1. A questão está em explicar essas diferenças tendo por base a representação (competência) ou a maneira como a língua é processada. Isto quer dizer que as inconsistências na produção ou compreensão do bilíngue seriam resultado de problemas na representação interlingual ou de problemas no acesso a esse conhecimento. No entanto, atribuir *status* à representação gramatical utilizando dados de produção ou compreensão é insuficiente e leva a conclusões precipitadas.

Um dos problemas da maneira usual de se investigar a variabilidade em L2 está nos métodos comumente empregados para avaliar a habilidade ou o desempenho em L2. Tendo

⁶ Slabakova (2006) apresenta diversos estudos que investigaram a interface sintaxe semântica, especialmente quando não há correspondência no mapeamento forma/ significado na L1 e L2. Um exemplo é a aquisição dos tempos pretérito e imperfeito do espanhol, por falantes da língua inglesa. No espanhol, o aspecto de habitualidade é expresso pelo tempo imperfeito, e não pelo passado, como na língua inglesa. Dessa forma, o aprendiz de espanhol precisa aprender que é a morfologia do imperfeito que codifica habitualidade no espanhol, e não a morfologia do pretérito, como na sua L1.

⁷ Hawkins (2007) corrobora a posição de Rothman (2007) e sugere que uma metodologia promissora para a investigação do estatuto gramatical em L2 consiste em investigar se há diferenças no sentido de sentenças determinado por suas propriedades sintáticas.

seu início com os estudos sobre ordem de aquisição de morfemas nos anos 1970, os estudos de aquisição de L2 utilizam metodologia observacional, isto é, analisam dados de produção espontânea ou eliciada, compreensão e julgamento de gramaticalidade, para, então, fazer inferências sobre a competência gramatical na L2. A utilização de dados oriundos de análise da observação do comportamento linguístico, podem permitir, em maior ou menor grau, que o informante utilize conhecimento explícito em sua produção. Já os testes de julgamento de gramaticalidade, apesar de oferecerem uma medida adequada do conhecimento do bilíngue, não são capazes de gerar dados sobre como a informação gramatical é usada na compreensão. Dessa forma, a análise de dados observacionais impede que se façam inferências sobre o processamento gramatical na L2.

Clahsen e Felser (2006) argumentam que a habilidade de processar insumo linguístico em tempo real é crucial para a aquisição de uma língua. De fato, conferir estrutura gramatical a um dado insumo pressupõe conhecimento das restrições gramaticais e regras da língua que está sendo processada, ao mesmo tempo em que a construção gramatical pressupõe a disponibilidade de mecanismos apropriados para o processamento do insumo linguístico. Em outras palavras, não há processamento linguístico sem conhecimento da estrutura linguística e vice-versa. Esse aparente paradoxo se coloca como um desafio para as teorias de aquisição de L1 e também de L2, na medida em que demanda investigação sistemática e detalhada do processamento gramatical, associada ao conhecimento existente sobre desenvolvimento gramatical do aprendiz.

Apesar de haver certo acúmulo de evidência em relação ao processamento de linguagem em contexto de L1, ainda há pouca evidência sobre os mecanismos de processamento gramatical existentes na aquisição de L2. Isto quer dizer que há poucos estudos que investigam a maneira como o aprendiz compreende ou produz linguagem em tempo real. Assim como Clahsen e Felser (2006), Juffs (2001) e Montrul (2004) também chamam a atenção não só para a escassez de estudos sobre acesso e processamento do conhecimento na L2, mas também para a escassez de estudos que investiguem indícios no comportamento linguístico do aprendiz que constituam evidência da aquisição de conhecimento, assim definido por teoria linguística. Dessa forma, podemos dizer que uma caracterização adequada da competência bilíngue necessita de metodologias que sejam capazes de informar como o bilíngue utiliza o conhecimento em tempo real, isto é, como o conhecimento linguístico é mentalmente acessado ou processado na L2. Dessa maneira, podemos dizer que a pesquisa de cunho psicolinguístico tem claras implicações para modelos empíricos e teorias de aquisição de linguagem. Trataremos, nas duas seções subseqüentes, de

dois estudos que investigaram a aquisição de marcas flexionais na interlíngua do inglês, utilizando métodos observacionais, como julgamento gramaticalidade, bem como métodos *online*, representado pelo paradigma de leitura auto-cadenciada.

3. TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

Em um estudo sobre a aquisição de marcas flexionais no inglês como L2, Carneiro (2008), além de analisar dados de produção oral espontânea e eliciada de bilíngues de dois níveis distintos de proficiência, também avaliou o conhecimento explícito dos bilíngues por meio de um teste de julgamento de gramaticalidade. Os bilíngues deveriam julgar a gramaticalidade de sentenças escritas em inglês, utilizando uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, atribuindo um escore que variou de 2 (totalmente gramatical), passando por 0 (não sei) até -2 (totalmente agramatical). Podemos perceber que a média das respostas está condizente com a resposta esperada (GRAF. 1). A análise das médias dos escores atribuídos revelou que grupo de menor proficiência apresentou escores mais baixos, enquanto o grupo de maior proficiência atribuiu escores mais elevados no seu julgamento⁸ (Carneiro, 2008, p. 103).

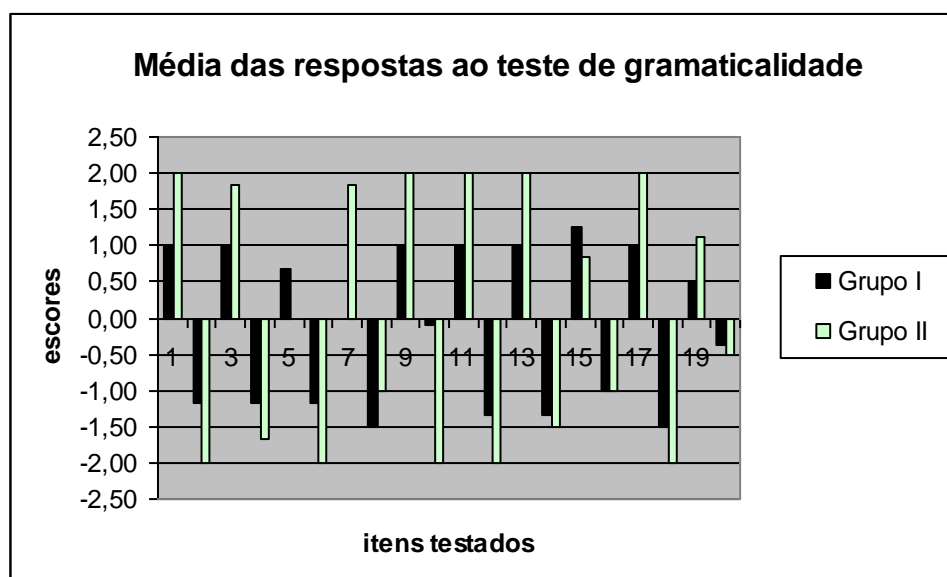


Gráfico 1: Média dos escores nos grupos I e II por grupo de sentenças

De maneira geral, os bilíngues do grupo de menor proficiência, apesar de marcarem de forma inadequada algumas das questões que investigavam o conhecimento de concordância

⁸ Os grupos de sentenças 3, 5, 11 e 15 avaliam diretamente o conhecimento sobre necessidade de morfemas de presente e passado na língua inglesa, ao passo que os demais avaliam propriedades sintáticas relacionadas à categoria T/I (Tempo/ Flexão), tais como marcação de Caso nominativo e sujeito explícito.

do presente e marcação de passado, mostraram, através de seus comentários, que nem sempre a razão que os levou a aceitar formas agramaticais ou rejeitar formas gramaticais estava associada ao conhecimento da regra em si. Como exemplo, temos (Carneiro, 2008, p. 105):

(2) “Aqui na verdade soa estranho”

(3) “poxa, não bate na minha orelha de jeito nenhum”.

Em vários casos, demonstraram conhecimento explícito e foram capazes de formular o motivo de terem julgado uma dada sentença como agramatical. Os exemplos a seguir mostram que os informantes foram capazes de formular regras para a marcação de tempo na língua inglesa:

(4) “*Ten years ago Jack buys a house?* Não, ele comprou uma *house*, *bought a house*, tá no passado”.

(5) “Aqui eu atribui 2 porque é presente, terceira pessoa foi usada o *-s*, da forma correta e o *-l* porque a frase tem a mesma construção e faltou o *-s*”

(6) “Se fosse no presente deveria ter o *-s* e se fosse no passado, o *-ed*, a forma do passado”.

Os dados dos bilíngues do grupo de maior proficiência revelaram que os últimos possuem conhecimento sobre os contextos de uso do passado e presente da língua inglesa e das propriedades relacionadas à categoria I⁹. Alguns informantes comentaram:

(7) *because my uncle eat... The difference is the verb eat and eats. I suppose that the present has to use the -s in the verb, and the second one isn't*”

(8) “*Because yesterday you have to use the past tense and wash isn't in the past tense*”.

Apesar da variabilidade nas respostas ao teste de gramaticalidade, podemos dizer os aprendizes demonstraram conhecimento das regras de uso e formação da morfologia verbal de tempo na língua inglesa e propriedades sintáticas associadas. Entretanto, a análise da produção espontânea e eliciada revelou variabilidade na aplicação deste conhecimento. Em outras palavras, apesar de demonstrarem conhecimento das regras, nem sempre os bilíngues foram capazes de produzir a flexão esperada. A variabilidade esteve presente na produção dos bilíngues nos dois níveis de proficiência, havendo um aumento da proporção de uso de flexão verbal em função da maior proficiência, que de 0,40 subiu para 0,80 no caso da marcação de presente, enquanto a proporção de uso de morfologia de passado subiu de 0,49 para 0,79.

⁹ Do inglês *Inflection*. Refere-se à categoria funcional Flexão.

Estes fatos apontam para uma dificuldade dos bilíngues em utilizar morfologia adequada, mesmo quando o conhecimento parece estar prontamente disponível.

4. A INVESTIGAÇÃO DO PROCESSAMENTO *ONLINE* DE CONCORDÂNCIA

O paradigma de leitura auto-cadenciada é um método experimental *online*, que permite que variações sejam captadas enquanto um falante entende ou produz linguagem. Em outras palavras, permite observar o processamento da linguagem em tempo real, enquanto ele acontece. O método de leitura auto-cadenciada tem sido utilizado extensivamente em pesquisas sobre processamento de sentenças, tanto em L1 quanto em L2. Um fato digno de nota é a constatação de que falantes nativos de uma determinada língua são altamente sensíveis a erros gramaticais durante a tarefa de compreensão de leitura, como sugerido pelo tempo maior de leitura de sentenças agramaticais quando comparadas aos seus correspondentes gramaticais. O entendimento das causas de interrupções no processamento de violações é geralmente utilizado para entender como o processamento ocorre em condições normais. Experimentos de leitura auto-cadenciada têm sido utilizados na pesquisa em aquisição de L2, na qual julgamentos de gramaticalidade e tomada do tempo de leitura de itens agramaticais constituem ferramentas para a investigação de aspectos da aquisição (Jiang, 2007; Juffs, 2001). O paradigma de leitura auto-cadenciada apresenta resultados que são frequentemente corroborados por resultados obtidos através da utilização de outros métodos, como o rastreamento ocular (Just, Carpenter e Woolley, 1982).

Clahsen e Felser (2006) sugerem que uma das diferenças no processamento de falantes nativos e bilíngues está na falta de automaticidade com a qual bilíngues processam a linguagem. Experimentos de leitura auto-cadenciada foram conduzidos com falantes nativos do inglês e mostraram maior tempo de reação¹⁰ na leitura de sentenças com desvios de concordância (Pearlmuter, Garnsey e Bock, 1999). Esse fato indica que os nativos estão sensíveis aos erros gramaticais, evidenciando uma ativação automática do conhecimento linguístico relacionado a concordância. Pode-se dizer, então, que tal conhecimento encontra-se integrado e automatizado (Jiang, 2007).

Falantes bilíngues, por sua vez, podem não estar sensíveis às violações morfossintáticas. Jiang (2004, 2007) mostrou que aprendizes de inglês, nativos do chinês, não

¹⁰ Mitchell (2004) conclui, a partir da revisão de alguns estudos, que quando um falante encontra um desvio ou anomalia durante a leitura, em um experimento de leitura auto-cadenciada, há um aumento do tempo de processamento.

estão sensíveis aos morfemas de plural e de concordância, em uma série de experimentos de leitura auto-cadenciada. Os resultados sugerem que o conhecimento relacionado a instanciação de plural e concordância não se encontra automatizado. Assumindo que produção e compreensão acessam as mesmas representações, se os bilíngues estão insensíveis aos morfemas de flexão verbal, terão dificuldades para adquirir as especificações de traços adequados relacionadas às categorias funcionais associadas a esses morfemas (categorias Tempo/Flexão). Essa dificuldade pode levar a representações subespecificadas ou não-alvo (Sato e Felser, 2007). É também provável que aprendizes mais proficientes tenham comportamento semelhante aos nativos, mostrando sensibilidade às violações.

Sagarra e Herschensohn (2011) examinaram o processamento de concordância de gênero em bilíngues adultos de espanhol (L2) e inglês (L1), em função da proficiência. O objetivo foi verificar se os falantes de uma L1 que não possui o traço de gênero (inglês) estão sensíveis à concordância de gênero adjetivo/ substantivo na L2 (espanhol). Os bilíngues foram testados em uma tarefa de leitura auto-cadenciada e em um julgamento de gramaticalidade. A previsão dos autores foi a de que os aprendizes mais proficientes estão sensíveis às violações de concordância de gênero, sensibilidade essa expressa por meio de tempos de reação maiores, enquanto os menos proficientes não estariam sensíveis. Os resultados mostraram que os tempos de leitura foram maiores em sentenças com desvio de concordância de gênero e que houve maior acuidade no julgamento de sentenças com violação no grupo mais proficiente, confirmando a previsão dos autores. Esses fatos sugerem que os aprendizes mais proficientes mostram um padrão de resposta à violação de gênero, que é qualitativamente similar ao dos nativos, ao passo que os aprendizes menos proficientes mostram padrão distinto, evidenciando a proficiência como fator para o desenvolvimento do processamento em L2.

Bilíngues do inglês, falantes nativos de espanhol e chinês foram testados em um experimento de leitura auto-cadenciada no estudo de Bond *et al.* (2010). Nesse estudo, desvios de concordância de número em demonstrativos/ substantivos foram apresentados em dois experimentos de leitura com julgamento de gramaticalidade. A previsão era a de que os chineses, pelo fato de não terem o traço de número em sua L1, teriam maior tempo de leitura de sentenças desviantes quando comparados ao tempo de leitura dos nativos de espanhol. Sentenças do tipo *Emma wondered if that dog in the park was friendly/ *Emma wondered if that dogs in the park was friendly/ Emma wondered if those dogs in the park were friendly/ * Emma wondered if those dog in the park were friendly* foram apresentadas. Ambos os grupos mostraram sensibilidade à agramaticalidade de número, sendo a única diferença o fato de que nativos e falantes de espanhol tiveram maior tempo de leitura na região crítica, enquanto

nativos do chinês tiveram maior tempo de leitura na região correspondente ao *spillover*¹¹. Os autores salientam que os nativos mostraram sensibilidade à agramaticalidade quando o experimento de leitura estava associado a uma tarefa de julgamento de gramaticalidade. O mesmo não foi observado por Jiang (2007), com relação a desvios de concordância de número¹².

Carneiro (2011) investigou a sensibilidade ao morfema de passado, de bilíngues brasileiros do inglês, por meio de um experimento de leitura auto-cadenciada. De maneira geral, a análise dos dados mostrou que houve diferenças significativas entre os tempos de leitura dos nativos e não-nativos, sendo os nativos mais rápidos que os não-nativos. Entretanto, os bilíngues parecem não estar sensíveis à ausência do morfema de passado da língua inglesa, diferentemente dos nativos da língua inglesa. Esse fato indica que, possivelmente, o conhecimento acerca da necessidade de uso do morfema pode estar ausente ou deficiente.

| | Estimativa | Erro Padrão | Wald | Valor-p |
|-----------------------|------------|-------------|-------|----------|
| Intercepto | 704,5 | 28,3 | 621,3 | < 0,0001 |
| Grupo (Nativo) | -172,9 | 59,3 | 8,5 | 0,0035 |
| Condição (gramatical) | -47,6 | 17,6 | 7,3 | 0,0070 |

Tabela 1: Comparação entre nativos e não-nativos para a posição 7 (Carneiro, 2011, p. 103)

Os resultados da TAB. 1 indicam que há diferença estatística significativa entre os grupos nativo e não-nativo em relação ao tempo de leitura da posição 7¹³, sendo que os nativos apresentam média de tempo de reação inferior em relação aos não-nativos. O tempo médio de reação dos nativos é 172,9 milissegundos menor que o tempo médio de reação dos

¹¹ *Spillover* é o efeito resultante de aumento de tempo associado à estímulo, que é manifestado em segmentos posteriores durante o experimento de leitura auto-cadenciada (Mitchell, 2004). Como exemplo, um aumento no tempo de reação devido a violações percebidas em um dado segmento pode ser percebido apenas no segmento seguinte.

¹² Jiang (2007) testou a sensibilidade ao morfema de plural de falantes chineses, aprendizes de inglês, em sentenças do tipo *The visitor took one of the several *coin/ coins*. Os resultados de Bond *et al.* (2010) podem ser de fato um reflexo da tarefa, já que no estudo de Jiang, os informantes respondiam perguntas de compreensão das sentenças.

¹³ A posição 7 corresponde à posição que se segue ao verbo que teve a sua gramaticalidade manipulada, ou seja, variou quanto à sua condição (gramatical, correspondendo ao uso do morfema de passado regular, e agramatical, correspondendo à ausência do morfema de passado regular). Ao verbo manipulado seguia-se um sintagma nominal definido de três sílabas.

não-nativos. Os resultados também indicam que há diferença estatística significativa na média do tempo de reação quanto à condição da sentença (Valor- $p=0,007$) em relação aos nativos. O tempo médio de reação na condição de sentença gramatical é 47,6 milissegundos menor que o tempo médio de reação na condição agramatical.

Os dados dos dois estudos sobre aquisição de flexão verbal na interlíngua aqui relatados utilizaram métodos distintos para análise. Uma conclusão que pode ser tirada da análise dos resultados do julgamento de gramaticalidade e produção oral espontânea e eliciada (Carneiro, 2008) e da investigação de processamento *online* na interlíngua é a de que as conclusões tiradas precisam ser avaliadas à luz dos métodos utilizados. Fazer inferências sobre a representação interlingual tomando por base somente dados de julgamento de gramaticalidade pode levar a conclusões precipitadas e inadequadas. Como salientado por Larsen-Freeman (2010), os estudos de aquisição em L2 precisam levar em conta a complexidade de se aprender morfologia flexional, para não correrem o risco de fazer generalizações prematuras.

5. CONCLUSÃO

Tal como por nós discutido acima, opções metodológicas na pesquisa sobre bilíngues integram-se de maneira contundente à concepção de competência linguística que desta pesquisa advém, modulando-a. Acreditamos, portanto, que estratégias metodológicas e heurísticas de observação devam ser objeto de escrutínio, crítica e reflexão dos estudiosos das representações bilíngues tanto quanto a teorização linguística e cognitiva que fomenta os estudos da área¹⁴. Tomamos a pesquisa em aquisição de L2 e o estudo do processamento da linguagem em situações bilíngues como empreendimentos intelectuais de orientação mentalista, portanto dependentes de inferências acerca de mecanismos latentes a partir de observações de comportamentos manifestos. Compreendermos que, neste e em outros empreendimentos congêneres no quadro geral das ciências cognitivas, as relações entre a observação sistemática e os construtos que a motivam assenta-se em pressupostos. Por isso, compreendemos igualmente que a explicitação e o aprofundamento nesses pressupostos são partes centrais do fazer científico neste campo.

Contudo, julgamos importante ressaltar que nosso ponto de vista não é que qualquer das heurísticas aqui mencionadas seja em si falha, ou indutora de artefatos que invalidam as

¹⁴ O impacto de concepções da arquitetura global da gramática sobre as inferências acerca de representações bilíngues é foco de discussão em Souza (2010).

conclusões, postulados e teorizações que movem os debates em torno das representações mentais das línguas não maternas. Não tomamos em absoluto o fato de que nossa observação assenta-se em pressupostos como impeditivo da realização de pesquisa consistente e válida, nem tampouco impeditivo da proposta de modelos eficazes na previsão dos fatos por eles explicados.

São ainda relativamente novos, na literatura especializada na pesquisa sobre o usuário de L2, os estudos experimentais sobre a L2 baseados em observação do processamento *online*. Trabalhos razoavelmente recentes se ocupam de apresentar ao público da área panoramas de técnicas experimentais *online*, contrastando-as em escopo com procedimentos tradicionais, tal como Marinis (2003). Comparativamente, por outro lado, um volume de pesquisas sobre os usuários de L2 bastante razoável foi produzido antes do crescimento do foco no processamento *online* da linguagem por bilíngues. E dessas pesquisas, é inegável, foram erigidos muitos dos construtos e hipóteses que ainda fecundam a investigação científica da L2 que se faz no presente.

Nossa defesa da observação do processamento *online* como metodologia no estudo experimental da sintaxe de segunda língua deriva do ponto de vista de sua complementaridade a outras estratégias e heurísticas empíricas, experimentais ou não, de observação sistemática dos fatos relevantes, sejam elas testes de julgamento, produção induzida, registros de produção espontânea, ou levantamentos em bancos de dados. Todas são estratégias de pesquisa relevantes para a área, haja vista a ampla divulgação de estudos erigidos em torno dessas metodologias em periódicos de grande impacto, tal como acima mencionado. Não obstante, o exame crítico e informado, associado à busca constante de refinamento metodológico parece-nos ser dever profissional do pesquisador experimental em linguística, uma vez que, tal como afirmado por Schmitt e Miller (2010, p. 35), “[A arte de executar experimentos] está em controlar o contexto e a propriedade testada de modo a garantir que a resposta do sujeito seja uma resposta à pergunta de pesquisa e não a alguma outra propriedade que é irrelevante ao que se estuda”.¹⁵

Nosso propósito neste artigo foi chamar a atenção para os meandros da escolha de desenhos metodológicos, salientando sua imbricação com os construtos e hipóteses que constituem o foco de estudos linguísticos experimentais. Longe de uma proposta de abandono de uma dada técnica ou método, o cotejamento aqui realizado teve por objetivo focalizar a

¹⁵ Nossa tradução de “[The art of running experiments] is in controlling the context and the property being tested in such a way as to guarantee that the subject’s response is a response to the research question and not to some other property that is irrelevant for what is being studied”.

necessidade (e, oxalá, o fascínio a ela subjacente) de que cada dispositivo de obtenção de dados seja analisado, profundamente conhecido e, idealmente, aprimorado. Se aqui ilustramos este argumento com um contraste entre os julgamentos de gramaticalidade e a leitura auto-cadenciada no estudo da expressão de morfologia de flexão em L2, cabe mencionar que o exame crítico tanto da técnica do julgamento de gramaticalidade quanto de métodos de observação de processamento *online* motiva aprimoramentos em ambos¹⁶. Nossa compreensão é que a explicitação, o rigor e o aprimoramento de estratégias metodológicas são objetivos primários do pesquisador comprometido com a manutenção dos estudos linguísticos em graus elevados de cientificidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARD, Ellen G.; ROBERTSON, Dan; SORACE, Antonella. Magnitude estimation of linguistic acceptability. *Language*, v. 27, n. 1, 1996.
2. BOND, Kristi. *et al.* Examining sensitivity to agreement anomalies during online processing. In: Second Language Research Forum (SLRF 2010). University of Maryland, 2010.
3. BROWN, Gillian. Introduction. IN: BROWN, Gillian; MALMKJAER, Kirsten; WILLIAMS, John (orgs.). *Performance and Competence in Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
4. CARNEIRO, Marisa Mendonça. *Morfologia de flexão verbal no inglês como L2: uma abordagem a partir da Morfologia Distribuída*. 2008. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
5. CARNEIRO, Marisa Mendonça. *Processamento linguístico de marcas de morfologia de flexão em contexto de inglês como segunda língua*. 2011. 148f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

¹⁶ Um exemplo de aprimoramento promissor para a técnica do julgamento de gramaticalidade é sua associação a medições orientadas por estimativas de magnitude (cf. Bard, Robertson e Sorace, 1996; Sorace, 2010), o que viabiliza maior congruência e sistematicidade nas observações intra e inter-sujeitos. No tocante ao processamento online, estratégias que buscam maior granularidade na resolução temporal nas observações, tais como a observação de potenciais elétricos neurofisiológicos evocados, em parte surgem em resposta a limites de técnicas como a leitura auto-cadenciada no tocante à separação efeitos específicos de representações cuja ativação, durante o processamento, se dá sucessivamente, em poucos milésimos de segundos. São exemplos de ativação possivelmente sucessiva os efeitos do processamento lexical e os efeitos do processamento sintático. (cf. Kutas e Federmeier, 2007).

6. COOK, Vivian. Background to the L2 User. In: COOK, Vivian. *Portraits of the L2 user*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.
7. CLAHSEN, Herald.; FELSER, Claudia. Grammatical processing in language learners. *Applied Psycholinguistics*, v. 27, 2006.
8. DULAY, Heidi; BURT, Marina. Natural sequences in child second language acquisition. *Language Learning*, v. 24, 1974.
9. ELLIS, Rod. A response to Gregg. *Applied Linguistics*. v. 11, n. 4, 1990.
10. ELLIS, Rod. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
11. GASS, Susan. A historical survey of SLA research. In: RITCHIE, William C.; BHATIA, Tej K. (Orgs.). *The New Handbook of Second Language Acquisition*. Bingley: Emerald Group, 2009.
12. GOLDSCHNEIDER, Jennifer; DeKEYSER, Robert. Explaining the “natural order” of L2 morpheme acquisition in English: a meta-analysis of multiple determinants. In: DeKEYSER, Robert. (Ed.). *Grammatical development in language learning*. Malden, MA: Blackwell, 2005.
13. GROSJEAN, François. *Studying Bilinguals*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2008.
14. HAWKINS, Roger. Recent accounts of the L2 acquisition of morphosyntax. University of the Basque Country – PhD programme in Applied Linguistics (Bilingualism and Multilingualism), 2007. Disponível em: <http://privatewww.essex.ac.uk/~roghawk/research.htm>. Acesso em 10/07/2007.
15. JIANG, Nan. Morphological insensitivity in second language processing. *Applied Psycholinguistics*, v. 25, 2004.
16. JIANG, Nan. Selective integration of linguistic knowledge in adult second language learning. *Language Learning*, v. 57, n. 1, 2007.
17. JUFFS, Alan. Psycholinguistically oriented second language research. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 21, 2001.
18. JUST, Marcel Adam; CARPENTER, Patricia; WOOLLEY, Jacqueline. Paradigms and processes and in reading comprehension. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 3, n. 2, 1982.
19. KUTAS, Marta; FEDERMEIER, Kara. Event-related brain potential (ERP) studies of sentence processing. In: GASKELL, Gareth (Org.). *The Oxford Handbook of Psycholinguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

20. LARDIERE, Donna. Case and tense in the 'fossilized' steady state. *Second Language Research*, v. 14, n. 1, 1998a.
21. LARDIERE, Donna. Dissociating syntax from morphology in a divergent L2 end-state grammar. *Second Language Research*, v. 14, n. 3, 1998b.
22. LARDIERE, Donna. *Ultimate attainment in second language acquisition: a case study*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.
23. LARSEN-FREEMAN, Diane. Not so fast: a discussion of L2 morpheme processing and acquisition. *Language Learning*, v. 60, n. 1, 2010.
24. MARINIS, Theodoros. Psycholinguistic techniques in second language acquisition research. *Second Language Research*. v. 19, n. 2, 2003.
25. MITCHELL, Don. On-line methods in language processing: introduction and historical review. In: CARREIRAS, Manuel; CLIFTON JR, Charles. (Ed.). *The on-line study of sentence comprehension: eyetracking, ERPs and beyond*. New York: Psychology Press, 2004.
26. MONTRUL, Silvina. Psycholinguistic evidence for split intransitivity in Spanish second language acquisition. *Applied Psycholinguistics*, v. 25, 2004.
27. MYERS-SCOTTON, Carol. *Contact linguistics: bilingual encounters and grammatical outcomes*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2002.
28. PEARLMUTTER, Neal; GARNSEY, Susan; BOCK, Kathryn. Agreement processes in sentence comprehension. *Journal of Memory and Language*, v. 41, 1999.
29. ROTHMAN, Jason. Sometimes they use it, sometimes they don't: an epistemological discussion of L2 morphological production and its use as a competence measurement. *Applied Linguistics*, v. 28, n. 4, 2007.
30. SAGARRA, Nuria.; HERSCHENSOHN, Julia. Proficiency and animacy effects on L2 gender agreement processes during comprehension. *Language Learning*, v. 61, n. 1, 2011.
31. SATO, Mikako; FELSER, Claudia. Sensitivity to semantic and morphosyntactic violations in L2 sentence processing: Evidence from speeded grammaticality judgments. Ms. University of Essex, 2007.
32. SCHMITT, Cristina; MILLER, Karen. Using comprehension methods in language acquisition research. In: BLOM, Elma; UNSWORTH, Sharon (Orgs.). *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.
33. SELINKER, Larry. (1972) Interlanguage. In: RICHARDS, Jack. (Org.). *Error Analysis: perspectives on second language acquisition*. Harlow: Longman Group Limited, 1984.

34. SELINKER, Larry. On the notion of "IL Competence" in early SLA research: an aid to understanding some baffling current issues. In BROWN, Gillian; MALMKAER, Kirsten; WILLIAMS, John (Ed.). *Performance and competence in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
35. SLABAKOVA, Roumyana. Is there a critical period for the acquisition of semantics? *Second Language Research*, v. 22, n. 3, 2006.
36. SORACE, Antonella. Using Magnitude Estimation in developmental linguistics. IN: BLOM, Elma; UNSWORTH, Sharon (Orgs.). *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.
37. SOUZA, Ricardo Augusto. Déficit representacional entre falantes de L2? Uma reflexão em torno de dois modelos da arquitetura global da gramática. *Signótica*. v. 22, n. 2, 2010.
38. SOUZA, Ricardo Augusto; CARNEIRO, Marisa Mendonça. Sobre a representação sintática nas interlínguas na teorização gerativista. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; COHEN, Maria Antonieta (Orgs.). *Linguística, Tradução, Discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
39. SOUZA, Ricardo Augusto; ZARA, Julia Vidigal; OLIVEIRA, Fernando Luiz Pereira. Selective transfer in the acquisition of English ditransitives by Brazilian Portuguese L1 learners. Poster apresentado no 30th *Second Language Research Forum*. Ames: Iowa State University, 2011.
40. VILELA, Ana Carolina Silva. *Transferência linguística e transferência de treinamento na interlíngua do falante de português/ inglês L2*. 2009. 273f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
41. WHITE, Lydia. Grammatical Theory: Interfaces and L2 Knowledge. IN: RITCHIE, William C.; BHATIA, Tej K. (Orgs.). *The New Handbook of Second Language Acquisition*. Bingley: Emerald Group, 2009. p. 49-68.
42. ZOBL, Helmut; LICERAS, Juana. Functional categories and acquisition orders. *Language Learning*, v. 44, n.1, 1994.

ABSTRACT: This paper focuses on two approaches in the design of experimental linguistic studies that aim at tapping bilinguals' knowledge of second language syntax. Specifically, we explore the very significant role of acceptability judgment tasks as the basis of experiments in this area, and we compare and contrast some aspects of this task with the self-paced reading task. Whereas the former task is generally accepted as a measure of competence, the latter is construed as delving into on-line language processing, in other words, as a measure of performance. We briefly discuss some of the challenges for inference-making about underlying competence with regard to bilinguals and second language users, arguing that systematic observation of performance is a fundamental methodological move in the study of this particular population. We support our claim by examining

the outcomes of empirical studies of the realization of inflectional morphosyntax in English as a second language of native speakers of Brazilian Portuguese. By examining how these outcomes match theoretical claims about limits in the representation of second language syntax, we argue for the necessity that rigorous performance data complement the more traditional competence measure.

KEYWORDS: Bilingualism; acceptability judgments; on-line methods; inflectional morphology.

Recebido no dia 28 de novembro de 2011.
Aceito para publicação no dia 03 de março de 2012.